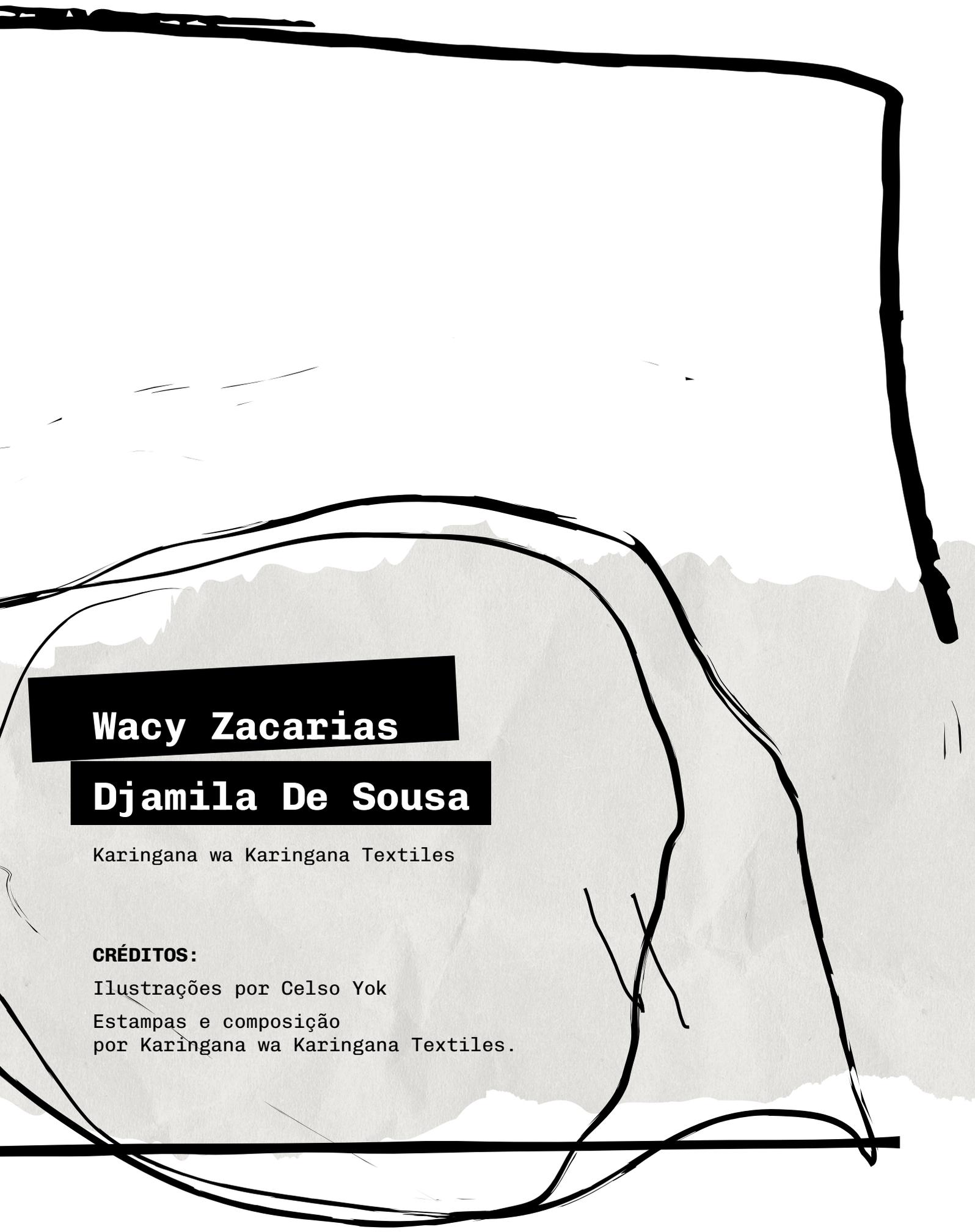




ENSAIO

Caminhos tecidos





Wacy Zacarias

Djamila De Sousa

Karingana wa Karingana Textiles

CRÉDITOS:

Ilustrações por Celso Yok

Estampas e composição
por Karingana wa Karingana Textiles.

Caminhos tecidos

Resumo

Caminhos tecidos é uma narrativa crítica da indústria têxtil africana que explora a história e a história dos têxteis na África Ocidental e Subsaariana como um paralelo ao comércio de escravos e à ocupação colonial. O que hoje chamamos de têxteis africanos são têxteis importados produzidos principalmente na Europa e na Ásia, isso mostra como o movimento dos têxteis uniu os nossos mundos e criou a narrativa têxtil atual no continente. É uma peça que nos faz analisar o nosso papel no desenvolvimento de uma nova narrativa na indústria têxtil africana, como preservamos o nosso conhecimento indígena e abraçamos os novos desenvolvimentos no design têxtil, entendendo que a menos que a nossa produção se torne circular, em breve os nossos recursos desaparecerão juntamente com as nossas histórias e tradições.

Palavras-chave: descolonização; conhecimento indígena; economia circular.

Camino tejidos

Resumen

Camino tejidos es una narrativa crítica de la industria textil africana que explora la historia y la historia del textil en África occidental y subsahariana como un paralelo al comercio de esclavos y la ocupación colonial. Lo que hoy llamamos textiles africanos son textiles importados producidos principalmente en Europa y Asia, muestra cómo el movimiento de los textiles unió nuestros mundos y creó la narrativa textil actual en el continente. Es una pieza para hacernos analizar nuestro papel en el desarrollo de una nueva narrativa en la industria textil africana, cómo preservamos nuestro conocimiento indígena y abrazamos los nuevos desarrollos en diseño textil, entendiendo que a menos que nuestra producción se vuelva circular pronto nuestros recursos desaparecerán. junto con nuestras historias y tradiciones.

Palavras clave: descolonización; conocimiento indígena; economía circular.

Woven paths

Abstract

Woven paths is a critical narrative of the African textile industry that explores the story and history of textile in West and Sub-Saharan Africa as a parallel to slave trade and colonial occupation. What we call African textiles today is imported textiles mainly produced in Europe and Asia, it shows how the movement of textiles brought our worlds together and created the current textile narrative on the continent. It is a piece to make us analyse our role in the development of a new narrative in African textile industry, how do we preserve our indigenous knowledge and embrace the new developments in textile design, understanding that unless our production becomes circular soon our resources will disappear along with our histories and traditions.

Keywords: decolonization; indigenous knowledge; circular economy.



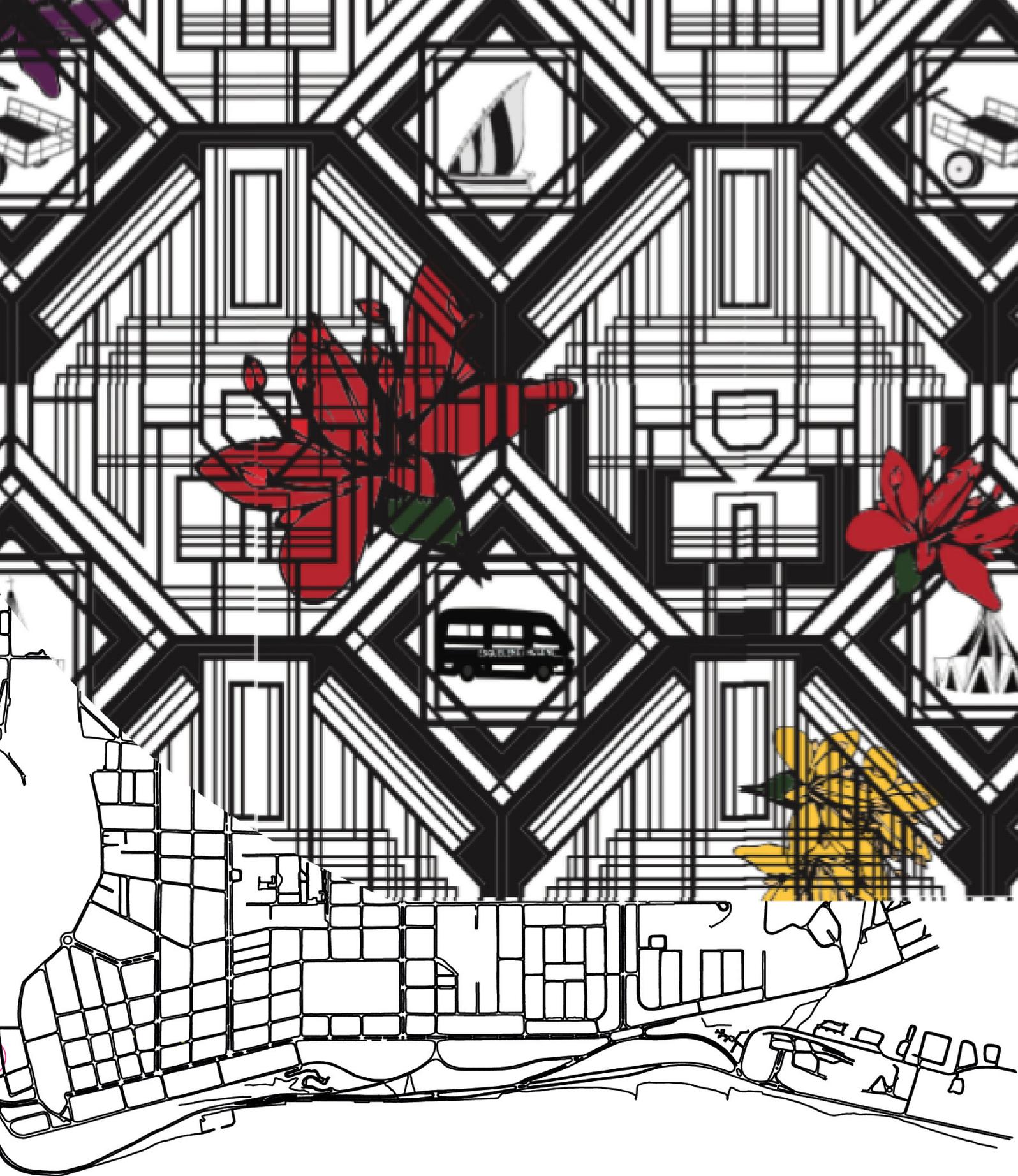


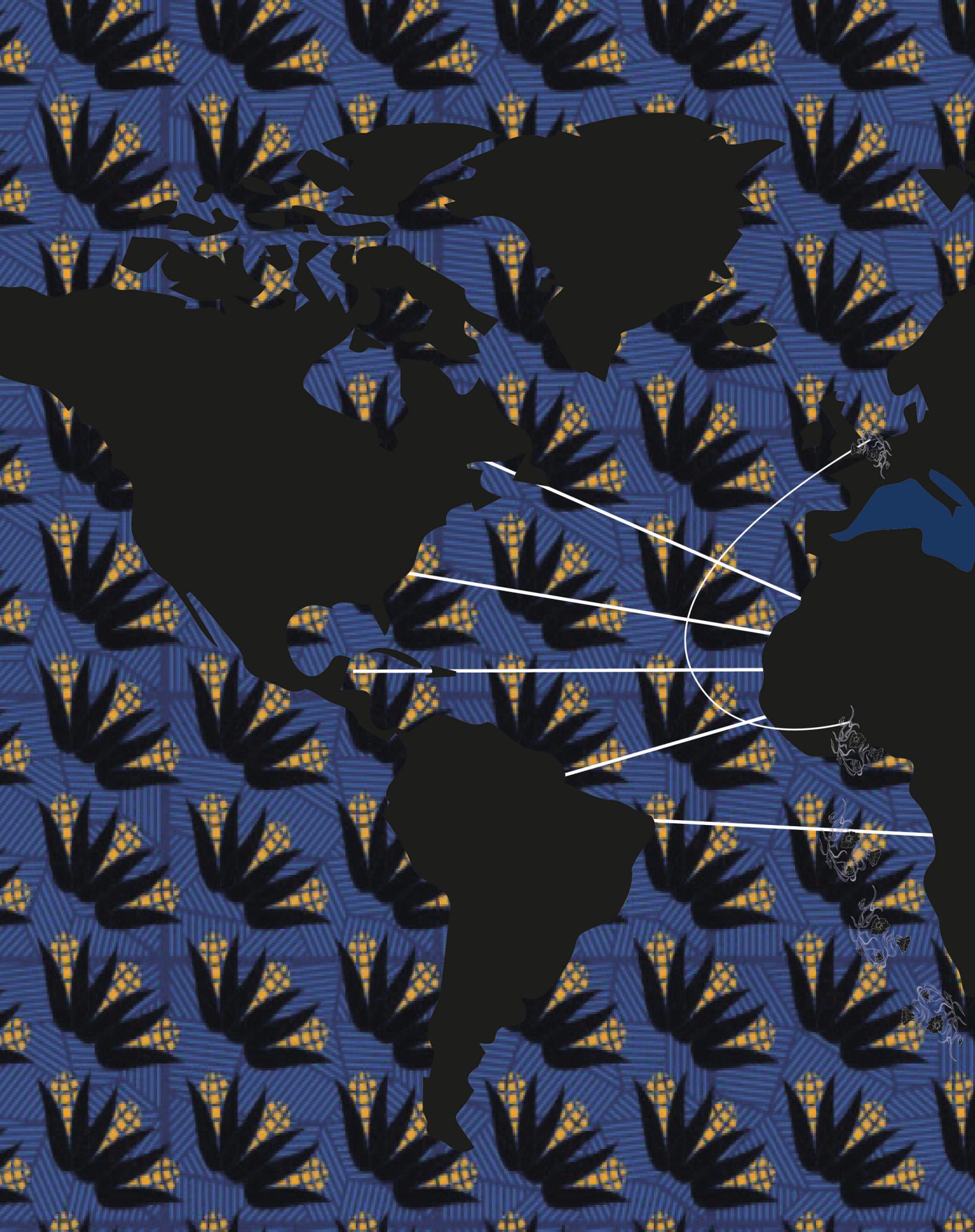
LAJE

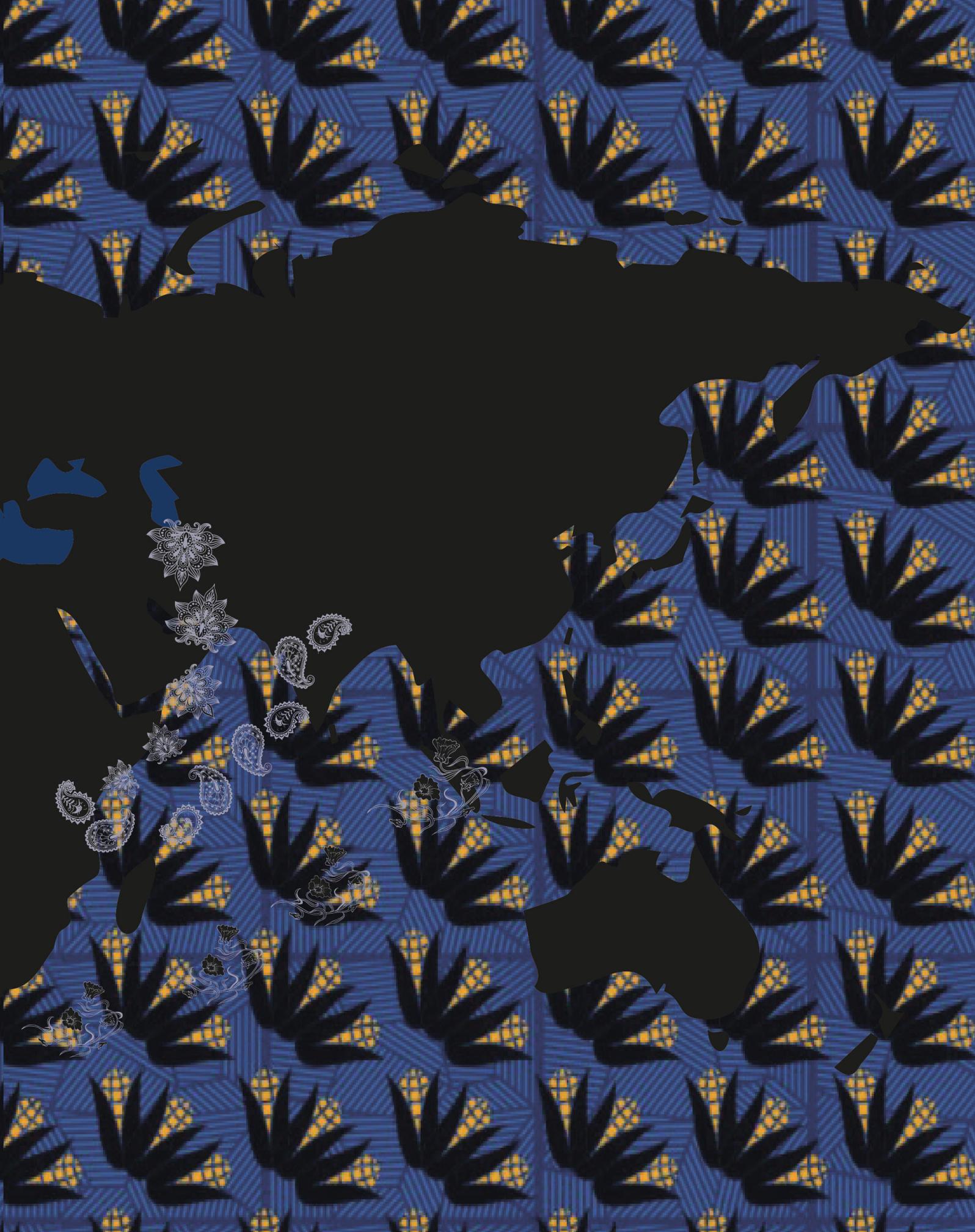
n. 1
p. 290-305
2022

ISSN: 2965-4904









KAP

POLA



ANNA









E escrever sobre os tecidos Africanos hoje, é sempre um pouco agridoce, há uma tristeza persistente desta indústria moribunda da qual fazemos parte e pela qual estamos a dar o nosso sangue, suor e lágrimas para a manter viva, é tenso, como assistir ao monitor cardíaco de um ente querido em estado crítico em uma cama de hospital. Onde começar? Talvez pelo início. Ao que hoje chamamos de tecidos africanos, é na verdade o descendente colonial dos nossos têxteis nativos. Estes tecidos de cera (wax), kitenge, capulana, mukumi... foram todos importados para o continente no século IX chegando pelo norte de Moçambique através dos Persas e dos Árabes. O Wax chega ao Oeste da África, antiga Costa do Ouro por via dos holandeses, e é uma imitação industrializada do batik indonésio que foi rejeitado pelos indonésios locais porém amado pelos Ganeses, um golpe de pura sorte para os holandeses que acabavam de criar esta nova tecnologia de estampagem. Há outras versões que chegam ao Quênia, Moçambique e Tanzânia que são inspiradas nos tecidos indianos de sari e madras, que ironicamente também inspira o tecido tartã escocês (embora a história diga que foi o contrário).

A chegada desses tecidos de algodão industrializados e coloridos significou que muitos dos sistemas de produção de têxteis indígenas africanos começaram a desaparecer, eles eram muito lentos, muito difíceis e não forneciam uma gama de cores tão vibrante. À medida que essas tradições foram desaparecendo, também desapareciam partes de nossa história, porque os têxteis africanos foram e ainda são uma parte intrincada da nossa tradição de contar histórias e um meio importante para o registo de nossas histórias. Como africanos somos contadores inatos de histórias, encontramos uma maneira diferente de embutir as nossas histórias nesses tecidos, talvez estes tecidos não fossem mais sagrados, cheios de nosso misticismo e tecidos com o conhecimento e as histórias de nossos ancestrais, mas ainda assim eles contavam nossas histórias.

Olhando no baú de madeira das nossas avós, recheado de capulanas, podemos ainda reviver a história colonial recente. Em Moçambique e em muitas partes da África, quando uma nova capulana chegava ao mercado as mulheres locais a batizavam, associando-a a uma data histórica importante, algo que aconteceu na comunidade ou um conto popular. Na Ilha de Moçambique onde chegaram os primeiros têxteis, eles têm um significado ainda mais profundo, as mulheres guardam-nos como uma demonstração de riqueza, uma herança que podem passar às suas filhas. Conta-se de alturas em que havia escassez de tecidos, e apenas as mulheres que guardaram capulanas puderam vestir as suas famílias. Ainda na Ilha e por ser uma comunidade

muçulmana as mulheres usam três capulanas colocando uma para cobrir a cabeça, à semelhança do que usam as indianas e outras mulheres muçulmanas. Na antiga capital Lourenço Marques, actual Maputo, os têxteis eram comercializados num mercado nas terras do governante Polana. Os tecidos eram adquiridos em Ka Polana (que significa terras do Polana), e assim nasceu o nome Capulana. Em ambos lugares, ao se tornarem capitais coloniais, esses tecidos se tornaram um símbolo de separação, uma forma de diferenciar os nativos. Assim como as barreiras invisíveis que dividiam Lourenço Marques e a Ilha de Moçambique em duas partes, em Lourenço Marques, Xilungwine (cidade branca), era onde os portugueses viviam e como nativo era preciso ter um passe que permitisse circular, e na Ilha havia a divisão entre cidade de pedra e cidade de Makuti.

É interessante ver hoje como mudou a nossa relação com os têxteis, não se pode dizer a nenhum moçambicano, ou africano que estes tecidos não são nossos, tornaram-se uma parte integrante da cultura africana que muitos de nós não conseguiríamos sequer imaginar um tempo em que eles não existiam. A prova disso é a economia dos têxteis africanos, pois os africanos consomem 90% dessa produção, mais de 80% dela é produzida fora da África, na Holanda, China, Índia e apenas uma percentagem muito pequena é produzida no continente, onde ainda assim a maioria dessas fábricas são investimentos estrangeiros. Então, sim, é nosso porque o usamos, mas não é nosso no sentido econômico, no sentido macroeconômico, porque pode-se argumentar que muitos dos mercados informais, do design africano e da indústria da moda são alimentados pelos tecidos de cera (Wax). Também não é nosso, pois não está mais embutido em nossas histórias, símbolos e conhecimento dos nossos ancestrais.

Karingana wa Karingana, que significa era uma vez nas línguas Ronga e Changane, é a nossa tentativa de descolonizar o mercado têxtil africano, viemos com a visão de mudar a narrativa atual escrevendo histórias têxteis. Nós reapropriamos os têxteis africanos e os "re-significamos"... nossos têxteis contam novas histórias que elevam o conhecimento indígena, criamos novos sistemas de conhecimento, ocupamos espaço, construímos legados e impregnamos os nossos tecidos com novas narrativas de cura, que mudarão o vidas de muitos africanos.

